

## A Fotografia como Ativismo: de Mulheres e por Mulheres<sup>1</sup>

Luana Anita MÜLLER<sup>2</sup>

Ricardo Henrique Almeida DIAS<sup>3</sup>  
Centro Universitário Unifacvest, Lages, SC

### RESUMO

A análise feita neste artigo se refere à forma como é vista a fotografia de mulheres na atualidade, o que inclui questões como a banalização da imagem e dos valores envolvidos quando se fala da mulher na sociedade. Para trazer entendimento quanto ao assunto, o artigo fala sobre mulheres artistas e fotógrafas que fizeram frente aos movimentos feministas para buscar a emancipação das mulheres, o que acarretou na conquista de direitos, bem como na liberdade de expressão através das fotografias de ensaios sensuais, nu artístico e outros que possam envolver as questões femininas. Pensando na fotografia como forma de arte e expressão, este artigo foi desenvolvido para trazer tais reflexões à tona e buscar a desconstrução dos valores patriarcais que ainda imperam na sociedade para o progresso da sociedade ao repensar as condições de vida da mulher inserida nela.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulheres; arte; fotografia; ativismo.

### Introdução

A fotografia pode ser utilizada como uma forma de expressão, um meio de comunicação. Essa expressão pode ser o simples desejo de registrar um determinado assunto, mas também pode ter uma intenção clara e objetiva, que busque comunicar uma mensagem, seja ela explícita ou implícita. Pode-se confirmar esse raciocínio através do trecho do livro *Introdução à Análise da Imagem* de Martine Joly (2007) no qual ela diz:

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como um instrumento de expressão e de comunicação. Quer ela seja expressiva ou comunicativa, podemos admitir que uma imagem constitui sempre uma mensagem para o outro, mesmo quando este outro é o próprio autor da mensagem. (JOLY, 2007, p.61).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Fotografia do Centro Universitário Unifacvest, e-mail: [luanamuller.g3@gmail.com](mailto:luanamuller.g3@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Educação pela FE/Unicamp (2015). Bacharel em Comunicação Social pela UFMS (2006). Atualmente é docente do curso de Comunicação Social e professor colaborador do programa de pós-graduação em Práticas Transculturais do Centro Universitário Unifacvest – Lages-SC, Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura e Comunicação da Unifacvest, e-mail: [rhad@mail.com](mailto:rhad@mail.com)

O tráfego de imagens que se tem hoje em dia, principalmente através das redes sociais, fez com que a fotografia possa ser vista como algo banal. Nessa linha de raciocínio, pode-se incluir a fotografia sensual e nu artístico de mulheres (considerando aqui apenas ensaios fotográficos profissionais) uma área que tem crescido atualmente. Com o crescimento dessa área específica da fotografia, as pessoas esquecem que muitas mulheres foram à luta pelos seus direitos para que hoje se pudesse ter liberdade de expressão em relação a isso. Com o intuito de manter viva essa causa, o artigo pretende trazer argumentos que tragam à tona essas questões.

Dessa forma, o principal objetivo deste artigo é tratar a fotografia como forma de ativismo visual, visando o empoderamento feminino. Portanto, busca trazer reflexões sobre o lugar da mulher na sociedade e a importância de abordar assuntos relacionados a isso, pois ainda existem muitos direitos a serem conquistados para que as mulheres possam viver numa sociedade em que haja respeito e igualdade de direitos.

A metodologia utilizada para a realização do artigo passou pelas etapas de criação do escopo, estudo da elaboração da estrutura e a escrita do artigo em paralelo às revisões do texto para manter a coesão e coerência. Quanto à pesquisa por referenciais teóricos foi baseada em artigos, livros, documentários e sites com o intuito de criar uma estrutura que pudesse dar fundamento para as suas ideias.

O desejo de tratar assuntos relacionados à mulher e à fotografia partiu da busca por trazer a discussão para o meio acadêmico e por querer aprofundar o conhecimento sobre tais questões. Além disso, acredita-se que a relevância de abordar tal tema também pode agregar o estudo da fotografia.

Para desenvolver de forma clara a ideia central e o objetivo chave do artigo, os assuntos foram dispostos em três tópicos. Sendo assim, o primeiro tópico é sobre mulheres artistas, passando o segundo a especificar a ideia, falando sobre as mulheres fotógrafas e por fim, o último tópico aborda a fotografia como forma de resistência. Ainda que o artigo aborde assuntos relacionados ao feminismo (seria inevitável não falar sobre), o foco se mantém no uso da fotografia para o empoderamento feminino.

## **Mulheres Artistas**

As mulheres artistas abrem espaço para as mulheres como um todo na sociedade. Ainda que algumas dessas artistas não se intitulem como feministas, elas estão presentes no estudo da história do feminismo por desafiar a ideia de que não há lugar na arte para as

mulheres (assim como em muitas áreas). Falar sobre mulheres artistas é falar sobre um grupo que pode ser dividido por períodos de tempo e tipos de expressão de arte, mas que se une por ideais em comum, sendo estes a busca por espaço na sociedade, a liberdade de expressão artística e o reconhecimento da sua arte de maneira igual ao dado aos homens artistas.

Linda Nochlin, professora doutora que foi considerada uma das primeiras historiadoras da arte feminista, aborda em seu artigo *Por que não houve grandes mulheres artistas?* (2016) a questão da falta de incentivo e reconhecimento das mulheres na arte, questionando a metodologia usada para a construção da história da arte. Ela diz:

Na realidade, nunca houve grandes mulheres artistas, até onde sabemos, apesar de haver algumas interessantes e muito boas que ainda não foram suficientemente investigadas ou apreciadas, como não houve também nenhum grande pianista de jazz lituano ou um grande tenista esquimó, e não importa o quanto queríamos que tivesse existido. É lamentável que seja esse o caso, mas nenhum tipo de manipulação de evidência histórica e crítica vai alterar a situação, nem acusações de distorções machistas sobre a história. (NOCHLIN, 2016, p. 7).

Concluindo a ideia de que falar sobre mulheres artistas é relevante para abrir o campo de visão do pensamento chave do artigo, foram escolhidas artistas a serem citadas a seguir.

### **Frida Kahlo**

Quando se fala em arte e feminismo, a artista Frida Kahlo é geralmente lembrada pela sua originalidade e a autobiografia presente em suas pinturas, mas também por ser uma mulher que procurava representar movimentos feministas e comunistas através do seu estilo de vida e de suas obras.

Existem muitos fatos interessantes que são citados quando se conta quem foi essa artista, por ter sido uma mulher revolucionária e que nos dias atuais é um ícone para a história do comunismo, da arte e do feminismo. Contudo, o foco deste trabalho se mantém em abordar os principais fatores da sua história que contribuíram para a representatividade da mulher na sociedade.

Frida Kahlo foi uma mulher a frente de seu tempo. Ela foi uma artista surrealista, mas dizia não se considerar como tal, pois o surrealismo sugere a representação de um universo onírico e ela pintava aquilo que foi real na sua vida. Em suas obras, a artista esboça através da pintura seus sentimentos mais íntimos como os abortos nas tentativas de ter um filho, o momento de fragilidade que passou devido ao acidente que a deixou com grandes sequelas, as

angústias vividas em suas relações românticas, a sua relação com os animais, as roupas e adereços que representavam seu estilo próprio e até os momentos de transições na sua personalidade em que ela aparecia nos quadros com os cabelos curtos e às vezes com roupas masculinas.

O estilo de vida da artista foi marcado pela bissexualidade, cigarros, tequila, as obras de arte que impactam as pessoas e a sociedade como um todo, as relações casuais com diferentes pessoas ao mesmo tempo, entre outros feitos que inquietavam a sociedade por ela estar fazendo coisas que seriam ditas permitidas apenas para os homens.

As obras de Frida Kahlo trazem reflexões e representam as angústias que muitas mulheres vivem mesmo nos dias atuais que precisam ser discutidas.

### **Janis Joplin**

Janis Joplin foi uma cantora e compositora que alcançou muita fama em meados dos anos 60. Durante sua carreira cantou músicas com os gêneros rock e soul psicodélicos, blues, entre outros.

Janis, como mulher, passou por discriminações como a maioria. Na escola, na faculdade e até enquanto cantora, mesmo no auge da sua fama. As pessoas apontavam o que para elas seriam considerados defeitos e isso a magoava ao ponto de desencadear inseguranças e uma busca por aceitação e amor das pessoas ao seu redor (inclusive do seu público).

A mulher, Janis Joplin, fazia coisas que, segundo a sociedade, não caberia às mulheres. Ela bebia, fumava cigarros, andava geralmente na companhia de homens, era bissexual, falava palavrões, entre outras coisas como o fato de ser cantora. O palco demorou a ser um espaço em que mulheres pudessem ter lugar.

Apesar do uso de drogas como a heroína estar na vida de Janis, ela não era apenas uma hippie drogada e promíscua como muitos comentavam (e ainda comentam). Janis era uma mulher que teve muitos amores, fez muitas pessoas darem boas risadas e entrosava as pessoas com a energia que passava quando cantava. Não foi à toa que fora considerada como rainha do rock and roll.

A música, a expressão da arte e os hábitos de Janis desafiavam o que era dito correto por pessoas conservadoras e machistas. A forma como ela foi e ainda é vista confirma o quanto uma mulher pode ser julgada simplesmente por reproduzir hábitos que homens livremente podem ter. Independente de ser famosa ou do lugar que uma mulher ocupa, o

merecimento de ocupar tal lugar é geralmente questionado e a sua forma de viver julgada por certa ou errada.

### **Yoko Ono**

Yoko Ono é uma artista vanguardista muito conhecida nos dias atuais, mas que infelizmente é lembrada na maioria das vezes apenas por ter sido casada com John Lennon e pela história que se conta de que ela seria a culpada pela separação dos Beatles. Mesmo antes da relação com John Lennon, Yoko Ono já estava envolvida com as artes, isso mostra que ela sempre foi uma mulher de personalidade forte e que o envolvimento com o cantor foi um complemento para as suas inspirações e expressões artísticas, considerando o fato dela ter realizado protestos pacíficos contra a guerra junto com ele.

A expressão da sua arte é feita através de vídeos, instalações, performances e músicas. Em suas exposições artísticas, Yoko busca interagir com o público, criando uma relação com o espectador que passa a ter um papel ativo na sua arte. A artista passa mensagens para que as pessoas possam levar algo de bom consigo e saiam preenchidas por reflexões sobre a vida e as relações humanas. Essas reflexões sugerem o ato de tocar a terra com os pés descalços que ela diz ser a conexão física do ser humano com o planeta, assistir ao pôr do sol e sentir a Terra se movendo. Uma das suas obras diz para cobrir o mundo com a paz em que tem um mapa-múndi e a pessoa recebe um carimbo para marcar partes do mundo com a frase “Imagine a Paz”. Além de pacifista, Yoko também é feminista e traz questões importantes para os debates sobre o papel da mulher na sociedade. Um vídeo com o nome “Liberdade” em que uma mulher está abrindo um sutiã, demonstra sua posição quanto ao assunto, considerando que o sutiã é visto pela sociedade como um símbolo de beleza feminina assim como muitos outros objetos que são impostos às mulheres para que os usem, sendo que muitos são desconfortáveis e oprimem a mulher por impor o que elas devem vestir e usar, sem questionar se essa é realmente a sua vontade. Ainda sobre o feminismo, ela coletou relatos de mulheres vítimas de algum tipo de abuso em que expõe esse assunto para que seja mais falado.

Yoko busca ressignificar simples atos que poderiam mudar o mundo e fazer com que as pessoas vejam a vida com um olhar mais poético, demonstrando que acredita nos seres humanos.

### **Liniker**

Liniker é uma cantora da atualidade que tem ganhado cada vez mais reconhecimento no mundo da música. Ela tem causado incômodo àqueles que apresentam preconceito em

relação ao estilo de vida e princípios que são importantes para a artista. Liniker é oprimida de duas principais formas. No primeiro momento, por ser uma mulher transexual e no segundo momento por ser negra.

As suas músicas não são sobre questões de gênero ou racismo, mas sobre seus sentimentos enquanto pessoa que anseia expressar o que sente e enquanto mulher. Porém seu estilo de vida incomoda aos que não entendem (ou que por algum motivo não aceitam) sua forma de levar a vida. Ela é uma mulher transexual, mas a sua aparência não se encaixa na padronização que a sociedade definiu como o que cabe ao gênero masculino ou ao feminino. A própria artista diz que já passou e tem passado por transições na busca por ser quem ela acredita ser realmente.

Liniker é uma pessoa carismática e que expressa amor e aceitação de si mesmo nas suas músicas. Por esse motivo se tornou um símbolo de representatividade para os negros e para o público que inclui Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT). O interessante é que ela nem mesmo precisa expressar sua opinião quanto aos preconceitos direcionados a ela, somente a sua atitude de ocupar este lugar (que é de direito seu) causa inquietação nos grupos que não concordam que ela como mulher transexual e negra deveria ocupar tal espaço ou ter algum tipo de reconhecimento.

### **Bia Ferreira**

Bia Ferreira é uma cantora, compositora e ativista. Ela tem conquistado espaço no meio musical e também na frente da luta de movimentos antirracismo e feministas no Brasil pelas suas composições musicais que causam impacto na sociedade como um todo. A cantora busca levar informação para educar as pessoas a respeito dessas causas com o objetivo de fazer com que se conscientizem ou ao menos se questionem quanto aos seus valores e assim possam se desconstruir para uma possível evolução enquanto pessoa que faz parte de uma sociedade.

A luta da cantora também é pela representação do povo negro, principalmente no Brasil. Ela tem músicas como “Cota não é Esmola” em que descreve a importância das cotas para negros em universidades. Já em sua música “De dentro do Ap”, ela questiona os valores pregados por uma mulher burguesa que diz entender sobre a luta de classe, mas que por ter uma vida de luxo e por não se preocupar em ir até uma favela para pregar o seu feminismo ela estaria sendo hipócrita. Nesse sentido, Bia abre a discussão sobre o feminismo interseccional que faz ligação do feminismo com a luta de classe, uma vez que uma mulher que seja pobre

(realidade da maioria das mulheres que moram na favela) sofre com a opressão de gênero e de classe social.

A artista classifica sua música como Música de Mulher Preta (MMP). Em uma de suas composições, ela dialoga com a desconstrução da tal chamada Amélia, da música “Ai, que saudades da Amélia” de Ataulfo Alves e Mário Lago, na qual se descreve uma mulher chamada Amélia que seria considerada mulher de verdade na sua concepção e que, nas análises realizadas da música, seria a mulher que se dedica inteiramente a cuidar do lar, filhos e marido, sem ter consciência e sem vaidade. Nesse seguimento, Bia compôs uma música chamada “Não precisa ser Amélia” em que ela desconstrói o conceito de Amélia e defende que não precisa ser Amélia para ser de verdade e também que não se nasce feminina, mas torna-se mulher.

### **Mulheres Fotógrafas**

As mulheres que tomaram a posição de fotógrafas foram de grande importância para a busca por direitos das mulheres. Isso inclui principalmente aquelas que trabalham com temas que tem alguma relevância para a vida da sociedade como as fotógrafas que trabalham com fotografia artística, as que buscam abordar as questões femininas nos seus trabalhos fotográficos e as fotojornalistas.

A mulher fotógrafa pode também ser considerada artista, pois muitas realmente utilizam a fotografia como expressão de arte. O ser artista está ligado ao ativismo, sendo assim, aquelas que trabalham com fotografia de maneira mais técnica também podem se encaixar nesse contexto, pois ao ocupar esse lugar que era permitido apenas aos homens, elas representam as mulheres que buscam emancipação e reconhecimento.

Para representar a mulher fotógrafa e mostrar a importância da ocupação desse espaço, o artigo dá seguimento falando de algumas mulheres que estiveram inseridas no campo da fotografia.

### **Gerda Taro**

Gerda Taro foi pioneira enquanto mulher inserida no campo do fotojornalismo, apesar de ter começado a ganhar reconhecimento há pouco tempo, tendo passado várias décadas desde a sua morte na cobertura de uma guerra no ano de 1937.

A fotógrafa era alemã, porém seria filha de judeus o que fez com que precisasse lutar contra o nazismo, além das outras questões que envolviam ser uma mulher no seu campo de

trabalho. Apesar de sua origem ser burguesa, Gerda fora militante de movimentos comunistas e antinazistas ainda quando jovem e ao longo da sua vida lutou contra o fascismo enquanto mulher judia. Gerda foi uma mulher corajosa por arriscar sua vida e correr o perigo de sofrer com as violências de gênero. Em seu artigo *Gerda Taro: um olhar feminino ativo em fotografias de guerra* (PELLEGRINI, 2017), Bruna Neves Pellegrini buscou falar sobre a vida da fotógrafa e também fez uma análise em algumas das suas fotografias. Nesse sentido, a autora pôde concluir que:

De acordo com a biografia de Taro, podemos interpretar essas fotografias como uma manifestação política de sua ideologia antifascista, pois sua luta era política. Todavia, entende-se que, a atuação profissional de Taro como fotógrafa de guerra e sua determinação e coragem para seguir no fotojornalismo, junto com seus registros que representam a mulher de forma ativa e diferenciada, fazem dela uma importante figura para a emancipação da mulher e a fortificação da imagem da mulher durante a Guerra Civil Espanhola (PELLEGRINI, 2017, p. 14).

Infelizmente, nos estudos, artigos, documentários e outros materiais em que se encontra o nome de Gerda Taro, ela é lembrada geralmente apenas como cônjuge de Robert Capa, fotógrafo que obteve grande reconhecimento com suas fotografias de guerra. Ainda que Capa tenha sido famoso, isso não deveria ofuscar a presença de Taro, sendo que foram companheiros profissionais acima de tudo, mas ainda nos dias atuais essa é a realidade. A fotojornalista geralmente é lembrada pelo nome do seu companheiro fotógrafo (por ser homem e ter mais espaço e reconhecimento que ela) e dificilmente por sua obra. Contudo, a presença de Gerda nesse espaço masculino certamente foi importante para a representação da mulher enquanto fotojornalista e militante de movimentos que também incluem as questões sobre o lugar da mulher na sociedade.

### **Zanele Muholi**

Zanele Muholi é uma fotógrafa negra sul-africana que tem ganhado cada vez mais reconhecimento por ser uma ativista visual, retratando as questões do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros) e feministas pela luta da mulher negra na sociedade.

A fotógrafa faz retratos de mulheres negras, lésbicas e transgêneros com o intuito de representar essas pessoas e abrir espaço para as discussões desses públicos. A revista de fotografia ZUM publicou uma matéria sobre o trabalho de Muholi, descrevendo da seguinte forma:

No caso de Muholi, o impacto que ela busca está a serviço do trabalho na comunidade lgbti (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais), que envolve várias formas de ativismo social além da fotografia. Um de seus objetivos é chamar a atenção para a distância entre os méritos da Constituição sul-africana, que reconhece o casamento homossexual, e a situação real em muitas comunidades nas quais os homossexuais, principalmente as lésbicas, são alvo de crimes de ódio. Muholi fotografou vários funerais de mulheres mortas em “estupros corretivos”, forma de violência contra lésbicas não rara na África do Sul (MUHOLI e LAW-VILJOEN, 2018).

Zanele enquanto mulher, fotógrafa, negra e ativista visual, se coloca a frente de movimentos e se torna uma militante através do seu trabalho fotográfico, tanto por ocupar esse espaço quanto pelas questões que traz a tona ao representar os determinados públicos (que são minorias sociais) nas suas fotografias.

### **Nair Benedicto**

Nair Benedicto é uma fotógrafa brasileira, feminista, jornalista e que foi opositora ao regime militar no Brasil. Ela fotografou pessoas de periferia, movimentos feministas no Brasil, matérias incluindo fotos para outros países, materiais audiovisuais sobre a conscientização de assuntos como o direito da mulher ao prazer e violência doméstica, entre outros trabalhos importantes como registros de eventos políticos que contribuíram para a história no Brasil.

A revista de fotografia ZUM fez uma entrevista com Nair para saber mais sobre seu trabalho fotográfico e como era ser uma mulher fotógrafa e jornalista, em que ela diz:

Não era comum. Eu não era a única, mas o campo era dos homens. Era uma profissão masculina. O olhar da mulher é diferente porque nossa vida é diferente. Quando cobrimos um assunto, notamos alguns detalhes que os homens às vezes não notam. Nas greves do ABC paulista, entre 1978 e 1981, por exemplo, fiz a foto de uma mulher amamentando uma criança na porta de uma fábrica. Acho que o olhar feminino obrigatoriamente traz um universo que não é o universo masculino, é mais amplo, da vida mesmo. E quando a gente fotografa uma mulher, podemos nos enxergar na outra. Eu vejo isso (BENEDICTO e ZERWES, 2018).

Nair representa as muitas mulheres fotógrafas e jornalistas que foram militantes dos movimentos feministas com o seu trabalho, sendo de grande importante para abrir esse espaço para as mulheres.

## A Fotografia como Resistência

O termo “resistência” tem sido utilizado com bastante frequência devido à situação política atual do Brasil, em que determinados grupos se sentem ameaçados com a ideia de que muitos direitos já conquistados pelas minorias (que inclui as mulheres) correm o risco de serem perdidos, o que na sua visão poderia acarretar no retrocesso do país. Sendo assim, o uso da palavra “resistência” faz referência ao ativismo daqueles que lutam pelos direitos das minorias e que essa resistência representa o fato de se manter firme frente à ameaça e aos obstáculos que possam vir.

Sendo assim, a ideia da fotografia como resistência vem do sentido de ir contra ao patriarcado que tem oprimido as mulheres tanto nas questões citadas acima, como em muitas outras.

As mulheres fotógrafas e mulheres que se permitem serem fotografadas também podem ser vistas como ativistas feministas, ainda que não se intitulem como tal. A fotógrafa pode usar a fotografia como ativismo visual, como no trabalho de Zanele Muholi citado acima, ou ainda quando trata de questões femininas como a sensualidade, a aceitação do corpo, entre outras. A mulher fotografada, apenas por aceitar ou procurar participar de um ensaio que trate tais questões femininas também exerce seu manifesto contra as repressões impostas a ela pela sociedade.

O direito da mulher ao prazer ou a sensualidade ainda é um tabu mesmo na atualidade. A mulher que prioriza os seus prazeres sexuais ou explora e usa da sua sensualidade, ainda é vista como indecente, promíscua, aquela que não se dá valor ou ainda é rebaixada como aquela que não serve para casar. Enquanto tais assuntos são vistos como liberados para os homens. Para explicar o motivo de tais questões serem proibidas para as mulheres, Vera Golik diz:

Nossa formação judaico-cristã (mesmo que não sigamos essas religiões, a sociedade ocidental em que vivemos adota seus preceitos, inclusive como controle social) acaba colocando a sexualidade como um grande mistério (o verdadeiro fruto proibido) [...]. Resultado de toda essa encenação: pessoas totalmente desinformadas, assustadas e sem nenhuma intimidade com o que elas têm de mais íntimo: seu próprio sexo. (GOLIK, 2000, p. 35).

Outra questão que reprime as mulheres é o padrão estético imposto pela sociedade. Padrão este que faz com que as mulheres busquem incessantemente se encaixar nele, muitas vezes se sujeitando a dietas mirabolantes, procedimentos estéticos dolorosos e outros meios que podem acarretar em vários problemas de saúde física e mental. Porém, felizmente se fala

sobre assuntos como a aceitação do corpo como ele se apresenta fisicamente. Essa aceitação não necessariamente implica no sedentarismo ou na falta de cuidados com a aparência, mas com certeza diminui a pressão de ter que seguir um padrão. Muitas mulheres atualmente pregam a aceitação ao corpo, sendo assim, poder se ver representada nessas mulheres e tratar desses assuntos fazem com que se possa viver em harmonia com o próprio corpo, tornando-o como um amigo e companheiro da vida toda. Vera Golik (2000, p. 18) afirma que: “É pelo menos curioso, depois de tantas vitórias da mulher, estarmos discutindo questões relativas ao seu corpo. Mas ainda é preciso”. Nesse sentido, a fotografia também pode colaborar para que essas discussões sejam feitas.

## **Conclusão**

A arte tem a função de causar inquietação. Ela expressa o que há de mais humano (e por vezes, mais íntimo) em uma pessoa, como se ela fosse o elo entre o ser físico, carnal e palpável com aquilo que não se pode ver, nem tocar, mas se pode sentir. Porém, nem por isso deve ser tratada como algo banal em relações as questões importantes e sérias que são discutidas sobre a vida em sociedade. O artista, na visão geral da sociedade, é visto como aquele rebelde que despreza os valores pregados por ela, quando na realidade ele busca questionar esses valores para libertar as pessoas da alienação, criando sua própria opinião e incentivando o senso crítico. A arte sempre foi e sempre será política, uma vez que a democracia inclui o ativismo e a luta pela liberdade de expressão.

Segundo Joly (2007, p. 23) “a imagem (ou a metáfora) pode ser também um processo de expressão extremamente rico, inesperado, criativo e mesmo cognitivo [...]”. Sendo assim, conclui-se que a fotografia, ainda que rodeada por regras para a sua composição, pode ser utilizada como arte. Mesmo considerando que sejam seguidos, ou não, o padrão e as regras, a liberdade de expressão do fotógrafo pode ser mantida.

O desejo por tratar das questões das mulheres como a aceitação ao corpo, o direito ao prazer e a sensualidade, o lugar ocupado por elas na sociedade e outras, se torna importante ao pensar que “as pessoas não querem falar sobre isso, enquanto a gente tiver voz, enquanto a gente tiver um microfone pra falar, a gente vai falar. E se a gente não falar, a gente é omissa” (FERREIRA, 2018).

Em termos de resultados, pode-se dizer que o artigo alcançou os seus objetivos, pois conseguiu trazer argumentos que concluíram as ideias propostas.

Logo, não poderia ser falado de fotografias de mulheres sem que fosse explorado o assunto na prática. Nesse sentido, encontram-se anexadas neste artigo algumas fotografias autorais de mulheres.

## REFERÊNCIAS

- BENEDICTO, N.; ZERWES, E. **Sobre mulheres e fotografia: uma conversa com Nair Benedicto**. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/entrevistas/conversa-nair-benedicto/>> Acesso em: 19 de novembro de 2018.
- FERREIRA, B. **Bia Ferreira no Estúdio Showlivre por Vento Festival - Apresentação completa**. Disponível em: <<https://youtu.be/IuhUwoBvOzE>>. Acesso em: 03 novembro de 2018.
- GOLIK, V. **Corpo de Mulher: O prazer de conhecer**. São Paulo: Terra Virgem, 2000.
- JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. Tradução de José Eduardo Rodil. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2007.
- MUHOLI, Z.; LAW-VILJOEN, B. **Uma por todas: a sul-africana Zanele Muholi e seus retratos de mulheres negras lésbicas e transgêneros**. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/revista-zum-11/uma-por-todas/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.
- NOCHLIN, L. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Tradução de Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora, 2016.
- PELLEGRINI, B. N. **Gerda Taro: um olhar feminino ativo em fotografias de guerra**. In: XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. Anais do XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2017.

## ANEXO – Fotografias autorais de Luana Müller



Figura 1: Ana Paula 1



Figura 2: Ana Paula 2



Figura 3: Bruna Poliana 1

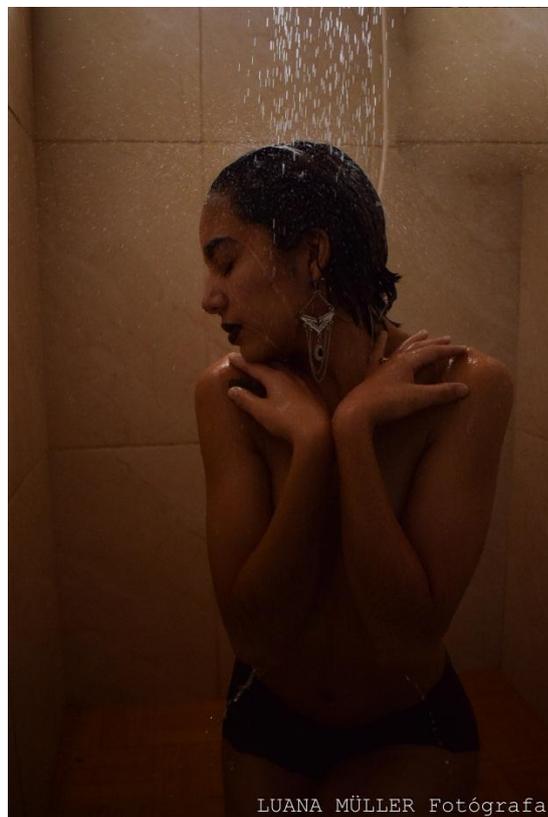


Figura 4: Bruna Poliana 2